



França, D. P.; Rodrigues, S. R. *A enunciação na construção dos sentidos*. In.: *Revista Diálogos (RevDía)*. Dossiê "Como as diversas teorias e concepções de linguagens concebem a questão do sentido". v. 4, n. 2, 2016. [<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia>]

A enunciação na construção de sentidos

Domingos Pinto de França¹
Sônia Renata Rodrigues²

*Como as diversas teorias e concepções de linguagens concebem a questão do sentido:
estudos linguísticos e literários* v. 4, n. 2, 2016

¹ Mestrando em Estudos de Linguagens. Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá. francismestrado@gmail.com

² Mestranda em Estudos de Linguagens. Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá. soniarenata_rodrigues@hotmail.com



1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este artigo tem por objetivo demonstrar a importância da enunciação no processo de construção dos sentidos atribuídos às palavras/enunciados e todas as demais construções da língua em uso. Sabemos que essas construções são bastante subjetivas, pois dependerão do momento histórico em que os enunciados são produzidos, assim como do horizonte social dos sujeitos envolvidos no processo da produção do sentido.

Dada a complexidade, o termo enunciação dificilmente poderia ser definido fora de um aparato teórico, por isso em nosso estudo buscamos selecionar alguns autores que trabalham com a temática. Eles elaboraram em suas obras uma teoria de análise enunciativa, refletiram sobre os fenômenos da enunciação: Oswald Ducrot e Jacqueline Authier-Revuz, bem como outros autores que, mesmo sem tomar a enunciação como fonte específica de estudo, refletem sobre o tema no conjunto de suas obras: Émile Benveniste e Mikhail Bakhtin.

2. TEORIAS DA ENUNCIÇÃO OU LINGUÍSTICA DA ENUNCIÇÃO?

Um primeiro aspecto a ser abordado é a distinção dos termos “teorias da enunciação” e “linguística da enunciação”, pois segundo Flores, (2013, p. 98): “A expressão **Linguística da Enunciação**, no singular, diz respeito a uma variedade de teorias, consideradas em seu conjunto, que, devido a alguns traços comuns entre si, fazem parte de um modo de pensar a linguagem”.

A similaridade entre essas teorias é o fato de ampliar o objeto linguístico delimitado por Saussure (1916) que investiga a língua como sendo um sistema estrutural abstrato e autônomo capaz de em si mesma conter o sentido, excluindo de sua teoria a fala/falante e,



consequentemente, o sujeito. Entretanto, a linguística da enunciação ao considerar a fala como objeto de estudo e como parte indispensável do aparelho formal da enunciação, introduz em seu escopo o falante – o qual também é produtor de sentidos –, assim o processo de interação engloba a língua e estabelece as relações entre seus participantes/usuários, fazendo com que o *outro* irrompa na linguagem, de modo geral consideram a língua em seu uso.

Já o termo **Teorias da Enunciação** refere-se a diferentes construtos teórico-metodológicos de análise da enunciação e é comumente utilizado quando se analisam individualmente as teorias identificadas aos nomes de seus autores, os quais manifestam explicitamente em suas obras a intenção de elaborar uma teoria da enunciação. Muitas vezes (com muitos retornos e revisões) desenvolvem uma proposta ou metodologia da análise enunciativa (TEIXEIRA; FLORES, 2011).

3. AUTHIER-REVUZ: A HETEROGENEIDADE DO DISCURSO

Jaqueline Authier-Revuz autodefine sua posição entre os neoestruturalistas, aqueles que partem do estudo do “campo heterogêneo onde se encontram a língua e os seus exteriores” (AUTHIER-REVUZ, 1990). Seus estudos enunciativos também dialogam com a psicanálise freudo-lacanianana ao conceber o sujeito do discurso como um ser descentrado, um sujeito dividido que é feito de/na linguagem com a ilusão de ser um eu autônomo/autêntico. No processo de enunciação irrompem as formas constitutivas do discurso nomeadas por Authier-Revuz (1990) como heterogeneidade enunciativa constitutiva e heterogeneidade enunciativa mostrada – marcada e não marcada.

A heterogeneidade enunciativa constitutiva é inspirada no conceito de dialogismo desenvolvido por Bakhtin que parte do pressuposto de que toda palavra enunciada já foi usada anteriormente, portanto, mesmo



inconscientemente o sujeito sempre que enuncia terá a presença do outro em seu discurso.

Já o conceito de heterogeneidade enunciativa mostrada pode ser definido como a presença localizável do discurso outro no fio do discurso e ocorre nas formas marcadas e não marcadas.

A marcada surge claramente no discurso podendo estar explícita pelo uso de aspas, pelo discurso direto ou indireto etc., de forma que estará visivelmente marcada no texto, como pode ser observado no exemplo abaixo:

Imagem 1 - Exemplo de heterogeneidade enunciativa marcada.



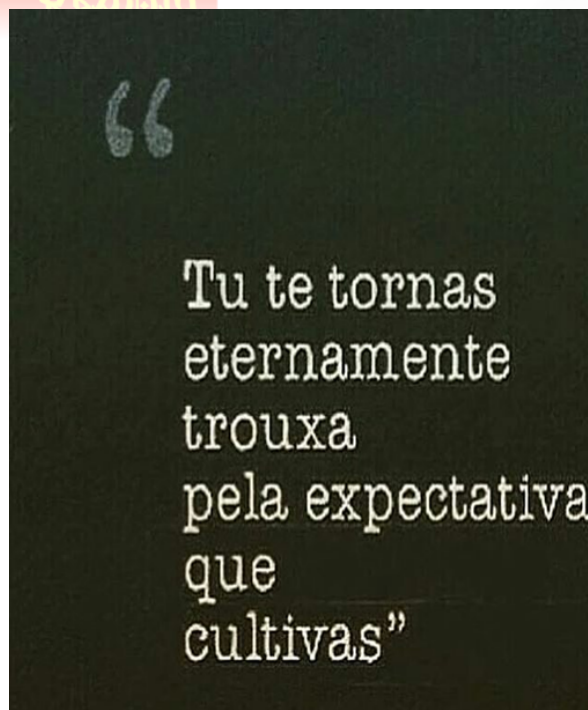
Fonte: <<https://www.google.com.br>>. Acesso em: 03 de ago. 2016.

No título da charge, o termo “homi” é colocado entre aspas para ser marcado como um termo irônico e diferente de seu correspondente culto “homem”.

Por sua vez, na forma não marcada a utilização do outro pode ser percebida, mas não apresenta elementos claros de identificação. São exemplos: o discurso indireto livre, as alusões, ironias etc. como pode ser observado no exemplo abaixo:



Imagem 2 – Exemplo de heterogeneidade enunciativa não marcada.



Fonte: <<https://www.google.com.br>>. Acesso em: 03 de ago. 2016.

O enunciado acima é claramente uma paródia de um trecho da obra *O pequeno príncipe* de Saint-Exupéry. Apesar de o leitor poder relacioná-lo com a obra, não há marcas linguísticas que possam evidenciar sua relação, por isso é uma forma de heterogeneidade não marcada.

Para Althier-Revuz (1990), o sujeito, como um ser que se expressa o tempo todo através de formas heterogêneas de linguagem, não pode ser a fonte do sentido, pois necessita de outro para efetivar o processo de interação verbal de forma que é no processo dialógico que os sentidos são constituídos.

4. DUCROT: A TEORIA POLIFÔNICA DA ENUNCIÇÃO

A principal hipótese teórica de Oswald Ducrot (1980) consiste em que a argumentação é o fator essencial para a apreensão do sentido no enunciado, sendo que esse sentido está inscrito na língua. Para ele, a



língua perde seu caráter de objetividade quando o locutor, ao enunciar, impregna na sua fala seu ponto de vista, ou seja, a enunciação é carregada de subjetividade e o ato discursivo compreende uma intrínseca relação entre o eu-locutor e o tu-alocutário, em que a presença do outro na enunciação é uma constante.

Os estudos enunciativos de Ducrot giram em torno do conceito de polifonia. Originalmente essa palavra refere-se a uma classe de composição musical, caracterizada pela sobreposição de muitas vozes ou muitos instrumentos, exprimindo cada qual suas ideias, quase sempre em ritmos diferentes (BORBA, 1963, p. 392).

Apesar de o termo polifonia ser utilizado também como um conceito criado por Bakhtin em sua análise enunciativa em textos literários, Ducrot opera o conceito num nível linguístico, indicando, através dele, a possibilidade de um desdobramento enunciativo dentro do próprio enunciado e aplicando-o ao estudo da argumentação.

O quadrinho abaixo apresenta um exemplo de análise da polifonia enunciativa a partir do operador argumentativo *mas*:

Imagem 3- Exemplo de argumentação com base no conceito de polifonia.



Fonte: <<https://www.google.com.br>>. Acesso em: 05 de ago. 2016.

Em enunciados desse tipo, há a presença de ponto de vista de quatro enunciadores: enunciador 1- declara desejo de ir à festa; enunciador 2- cancela a ida à festa; enunciador 3- declara não possuir roupa; enunciador 4- justifica não poder ir à festa pelo fato de não possuir roupas.

Segundo Ducrot (2008), a frase, enquanto elemento abstrato com possibilidade de significação, ao tornar-se enunciado, ou seja, posta em uso, passa a ter um caráter polifônico, daí - através da argumentação -



decorrerão as possibilidades de sentido de acordo com o ponto de vista dos enunciadores. Sendo assim, o sentido, segundo a visão do autor, não pode ser reduzido à abstração da língua em si, mas decorre da língua posta em uso no pleno ato de locução em que o caráter polifônico do enunciado se desdobrará nos sentidos produzidos.

5. ÉMILE BENVENISTE - DA NOÇÃO DO SUJEITO FALANTE À NOÇÃO DE SUJEITO NA ENUNCIÇÃO

Benveniste é um linguista apoiado nas ideias estruturalistas que procurou considerar a função de falante – antes relegada pela linguística saussureana – como elemento fundamental do aparelho enunciativo, ou seja, o falante é sujeito na enunciação. “Compete-nos tentar ir além do ponto a que Saussure chegou à análise da língua como sistema significante” (BENVENISTE, 1989, p. 224).

Na visão de Benveniste, o sujeito como objeto da linguística não se trata do termo empírico, mas de um sujeito que é demarcado linguisticamente, construído tão somente na chamada instância de discurso e se comunica através de frases/enunciados e não por meio de termos linguísticos isolados da situação de uso real da língua. O linguista considera que “Com a frase, deixa-se o domínio da língua como sistema e entra-se no universo da língua como instrumento de comunicação, cuja expressão é o discurso” (BENVENISTE, 2005, p. 139). Sendo que o termo discurso é empregado pelo autor no sentido do ato de fala, não tendo a mesma dimensão conceitual defendida pelas teorias discursivas.

Na visão de Benveniste, enquanto forma, a língua constitui uma estrutura, a língua enquanto sistema autônomo é independente de toda referência, formada de signos sem história e sem contexto, cujo sentido é fechado sobre si mesmo e contido de algum modo em si mesmo, contudo, posta em funcionamento, a língua se transforma em discurso e somente o discurso tem **referência numa situação dada**.



Os elementos de referência são divididos em duas categorias – pessoa e tempo/espaço – são fundamentais e sem eles a língua não se constitui em comunicação viva.

Elementos de referência na situação de enunciação:
 - categoria de pessoa: Sujeito falante = **eu** = centro da enunciação = o ser subjetivo que instaura um **tu**, este não-subjetivo; ambos em oposição a **ele**, que não corresponde à marca de pessoa. Ao considerar o falante, ora como locutor, ora como alocutário na enunciação, Benveniste introduz o sujeito no discurso.

Elementos de referência na situação de enunciação:
 - categoria de espaço e tempo:

As categorias de espaço (aqui) e tempo (agora) tratam-se do momento atual e espaço correspondentes à enunciação, cada vez única. Aliadas à tríade eu-tu-ele, essas categorias comporão, segundo o autor (1989), o aparelho formal da enunciação. Nos quadrinhos abaixo temos um exemplo de comunicação em que se podem verificar como constituintes os elementos de referência nas categorias de pessoa, espaço e tempo:

Imagem 4- Exemplo de elementos de referência na situação de enunciação.



Fonte: <<https://www.google.com.br>>. Acesso em: 05 de ago. 2016.

Em sentido geral, de acordo com o linguista, há de um lado a língua, conjunto de signos formais, destacados pelos procedimentos rigorosos, escalonados por classes, combinados em estruturas e em sistemas; de outro, a manifestação da língua na comunicação viva, sendo o sujeito da enunciação participante fundamental no processo comunicativo e na



construção dos sentidos e não um mero falante que se posiciona no exterior da língua.

Quanto ao sentido, Benveniste considera que a significação/sentido tem duas formas de manifestar-se em relação à língua através do **modo semiótico** - próprio do signo linguístico, é aquele determinado por Saussure, considerado no código, externo à mensagem e ao funcionamento da língua; **modo semântico** - é o “sentido” resultante do encadeamento, da apropriação pela circunstância e da adaptação dos signos entre si, manifestando-se na enunciação, que, conforme já se afirmou, contém referência a uma determinada situação, pertence à língua enquanto produtora de mensagem ou a língua em funcionamento, sendo produzido pelo discurso.

6. BAKHTIN: ENUNCIÇÃO E INTERAÇÃO SOCIAL

Para Bakhtin (2012), a enunciação é de natureza social, sendo o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e mesmo que não haja um interlocutor real este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. A palavra dirige-se a um interlocutor. Ela é função da pessoa desse interlocutor, não pode haver interlocutor abstrato. “Toda palavra é ideológica e toda utilização da língua está ligada à evolução ideológica, a estrutura da enunciação é uma estrutura puramente social, a enunciação como tal só se torna efetiva entre falantes”. (Bakhtin/Volochinov, 2012, p. 113).

O Círculo bakhtiniano (2012) considera que a verdadeira substância da língua não é constituída nem por um sistema abstrato - objetivismo -, nem pela enunciação monológica isolada - individualismo -, mas se constitui na interação verbal que se realiza na enunciação. Nessa perspectiva, os sentidos decorrem de um processo que engloba fatores sociais, históricos e ideológicos. A língua integra esse processo, mas não pode conter em si própria a complexidade da significação.



Para Bakhtin, a enunciação, seja em qualquer nível, sempre produz respostas por parte dos interlocutores. De acordo com o teórico (1992, p. 320), “o enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal e não pode ser separado dos elos anteriores que o determinam, por fora e por dentro, e provocam nele reações-respostas imediatas e uma ressonância dialógica”.

A dialogia, segundo o filósofo russo, decorre não apenas da simples troca verbal entre interlocutores, em um dado contexto imediato, mas da união de fatores sócio-histórico-ideológicos como o elo principal para a constituição dos sentidos.

A comunicação verbal é um elo contínuo, ininterrupto, vivo, passível de mudanças. Ela subsiste em todas as esferas de atividades humanas e dificilmente poder-se-ia delimitar-lhe um começo e um fim.

Os falantes são elementos indispensáveis para a concretização do ato verbal, o qual sem eles sequer poderia existir. É, pois, no dialogismo que está a chave para a compreensão das atividades linguísticas e sua produção de sentidos.

7. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O TEMA ENUNCIÇÃO

Após estudos sobre esses autores e debates durante apresentação em grupo de estudos a respeito deste assunto, pudemos observar o quão múltiplo e heterogêneo é o campo da enunciação. Conforme Flores (2013, p. 96), “o problema é que enunciação é algo distinto para cada autor. Não há unanimidade; há no máximo, pontos de aproximação. Isso quer dizer que, quando queremos fazer uma análise enunciativa, temos de nos vincular a uma das Teorias da Enunciação”.

Acreditamos que a Teoria da Enunciação, por ser um tema tão complexo, não pode ser exaurido em um espaço tão curto como este, bem como não existe uma definição geral e precisa do termo *enunciação*,



apenas pode ser compreendido dentro dos postulados teóricos. Entretanto, podemos seguramente depreender que todos os estudiosos aqui mencionados são unânimes quanto a considerar a fala e o falante no processo de enunciação.

Sendo assim, o que podemos considerar fundamental na perspectiva da enunciação é que para a percepção do complexo processo de produção de sentidos: O aspecto enunciativo da língua é basilar para compreender a presença do sujeito na língua; O aspecto enunciativo da língua é basilar para compreender o discursivo; O aspecto enunciativo da língua é basilar para a compreensão do sentido.



REFERÊNCIAS

- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). In: **Cadernos de estudos linguísticos**, Campinas, UNICAMP – IEL, n. 19, jul./dez., 1990.
- BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 13 ed. São Paulo: Hucitec, 2012.
- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BENVENISTE, E. Os níveis de análise linguística. (1964) In: Problemas de linguística geral I. Campinas: Pontes, 2005. cap. 10, p. 127-140.
- BENVENISTE, E. **Semiologia da língua**. In: Problemas de Linguística geral II. Campinas, SP: Pontes, 1989. p. 43-67.
- BENVENISTE, E. **O aparelho formal da enunciação**. In: Problemas de Linguística geral II. Campinas, SP: Pontes, 1989. p. 81-90.
- BORBA, Tomás; GRAÇA, Fernando Lopes. **Dicionário de música ilustrado**. Lisboa: Cosmos, 1963.
- DUCROT, Oswald. Analyse de texts et linguistique de l'énonciation. In: DUCROT, O. **Les mots du discours** (em collaboration). Paris: Les Éditions de Minuit, 1980, p. 7-56.
- DUCROT, O.; CAREL, M. **Descrição argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação**. Letras de Hoje, Porto Alegre, v.43, n.1, p.7-18, jan./mar. 2008.
- FLORES, V. do N. Semântica da enunciação. In: JUNIOR, F.C; BASSO, R. (org.) Semântica, semânticas: uma introdução. São Paulo: Contexto 2013, p.71-87.
- SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. Trad. Antônio Chelini, José Paulo e Izidoro Beinkstein. São Paulo; Cultrix, [1916]-1975.
- TEIXEIRA, M.; FLORES, V. **Linguística da Enunciação: uma entrevista com Marlene Teixeira e Valdir Flores**. ReVEL, v. 9, n. 16, 2011. [www.revel.inf.br]. Trad. Michel Lahud; Yara Frateschi Vieira. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995. 196p.

Aprovado em 19 de dezembro de 2016

